

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões Sobre os Martírios, a Obra História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia e a Hagiografia Cristã. In: Ciclo de Debates em História Antiga. Dialogando com Clio, 18, I 2008, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônicos do XVIII Ciclo de Debates em História Antiga*. Rio de Janeiro: Lhia, 2008. (CD-ROM) p. 1-26.

Reflexões sobre os mártírios, a obra *História Eclesiástica*  
de Eusébio de Cesaréia e a hagiografia cristã

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva<sup>1</sup>

A *História Eclesiástica*,<sup>1</sup> obra organizada pelo bispo cristão oriental Eusébio de Cesaréia, apresenta uma síntese sobre os três primeiros séculos da existência do cristianismo. Trata, pautando-se em variadas tradições, de diferentes temáticas. Dentre essas, as perseguições aos cristãos, descrevendo diversos mártírios. Neste artigo, vamos discutir como os mártires são caracterizados na HE, refletindo sobre como tal material contribuiu para o desenvolvimento de um novo herói, o santo, e um tipo específico de texto, o hagiográfico.

Eusébio de Cesaréia e sua HE foram objeto de nossas reflexões durante a graduação e o mestrado. Recentemente, estes temas foram retomados no âmbito do projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, do qual sou a coordenadora. Esta pesquisa busca estudar a produção hagiográfica e a trajetória de pessoas consideradas dignas de veneração nas penínsulas ibérica e itálica entre os séculos XI e XIII. Neste período, o tema do martírio foi reconsiderado, não só devido à produção de textos hagiográficos que reavivaram as memórias sobre os mártires,<sup>2</sup> mas porque muitos cristãos, em suas atividades missionárias ou na luta contra as heresias, foram, segundo Roma, martirizados (RYAN, 2004). Assim, consideramos fundamental revisitar a obra histórica de Eusébio, reconhecido pela historiografia como um dos iniciadores da hagiografia cristã (COX, 1983, p. 71) e fonte de muitos dos relatos sobre os mártírios compostos durante a Idade Média Central, visando futuras análises comparativas diacrônicas. Pois, como destaca Castelli, “martyrdom is not simply an action but rather the product of interpretations and retelling . . . rhetorically constituted and discursively sustained” (2004, p.173).

Apesar de ser uma fonte fundamental para o estudo dos mártires,<sup>3</sup> não encontramos muitos trabalhos que se preocuparam em analisar as concepções de perseguição e martírio na HE. Além de nossa própria dissertação de mestrado, defendida em 1990, só identificamos dois textos que refletiram sobre o tema de forma mais específica. O primeiro, publicado em 1997, da autoria de Tabberne, professor do *Phillips Theological Seminary*, e o segundo de Goodine, da *University of New Orleans*, e de Mitchell, *University of Halifax*, de 2005. A seguir, trataremos brevemente de cada uma destas obras.

Analisamos, em nossa dissertação, os relatos sobre as perseguições defendendo que, na perspectiva de Eusébio e do grupo cristão do qual ele era porta-voz, nunca existiu um real antagonismo entre a Igreja e o Império. Para a HE, as perseguições aos cristãos sempre foram fomentadas pelos inimigos da fé cristã, incluindo as iniciativas de alguns imperadores maus. Mas os mártires cristãos suportaram os sofrimentos e mantiveram intacta a revelação de Cristo, conquistando o reconhecimento da população

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da UFRJ. Doutora em História Social (UFRJ). Pesquisa Coletiva *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, financiada pelo CNPq, Faperj e UFRJ.

e dos próprios imperadores. Ou seja, os relatos das perseguições foram um dos argumentos apologeticamente utilizados na HE para demonstrar que a Igreja cristã do século IV, purificada pelo sofrimento, representava a religião verdadeira. Além disso, apresenta Constantino como o imperador eleito por Deus para a libertação dos cristãos, justificando as suas ações e apresentando a união institucional entre Igreja e Estado como algo planejado e orientado pela Providência Divina, legitimando o novo *status* de *religio licita* e os privilégios recebidos pelos cristãos sob o governo deste imperador. Vale destacar que, em nossa análise, nos detivemos na última edição da HE, datada, segundo os especialistas, por volta de 325- 326.<sup>4</sup>

O texto de Tabbernee estuda o que chama de Teologia da Perseguição em Eusébio. Este autor, partindo da análise das diversas edições da HE, defende que a concepção de perseguição do bispo de Cesaréia foi se desenvolvendo à luz de suas vivências e intimamente ligada à sua Teologia Política. Assim, num primeiro momento, quando ainda só fizera um esboço de sua obra, antes da chamada “Grande Perseguição”, iniciada em 303, Eusébio não havia ainda formulado uma “understanding of persecution” (1997, p. 322). Ela só foi tomando corpo ao longo das três edições publicadas (313/314, 315/316 e 325/326), culminando com a idéia de que os imperadores foram os veículos de Deus para corrigir a Igreja, através das perseguições. Deus, porém, não poderia permitir que a Igreja sofresse para sempre. Assim, elegeu Constantino, que não só destruiu os inimigos de Deus e salvou a Igreja, como também a uniu ao Império.

Tabbernee destaca que, em relação aos mártires, Eusébio demonstra que “while divine justice was admonishing and correcting a recalcitrant church, divine grace continued to come to the aid of the individuals who belonged to that church” (1997, p. 327). Assim, para o prelado, os mártires, inspirados por Deus, resistiam às torturas, visando ao fortalecimento da Igreja e ao testemunho de sua fé.

O artigo de Goodine e Mitchell parte de uma crítica às traduções de HE V 1, 41 para o inglês. Esta passagem refere-se à Blandina, um dos mártires de Lyon. Nela, informa-se que a cristã fora pendurada em uma madeira em forma de cruz para ser exposta às feras, permanecendo em oração pelos demais. Segundo as traduções em inglês, os companheiros, ao olhá-la, viam “... in the form of their sister, him who was crucified for them, *that he might persuade those who believe on him...*” (sic).<sup>5</sup> Para os autores trata-se de um erro, pois o correto seria traduzir como “... that **she** might persuade those who believe on him...” (grifo nosso).

Esta tradução, segundo Goodine e Mitchell, mais do que uma mera questão gramatical, revela que os especialistas modernos possuem uma “inability to conceive of a woman as standing in stead of Christ” e distorcem a perspectiva de martírio de Eusébio (2005, p. 18). Os autores defendem que os tradutores, ao retirarem de Blandina, uma escrava, a possibilidade de persuadir os outros através de seu sofrimento, diminuem o impacto original do texto. É justamente devido ao seu baixo *status* social e ao seu sexo que ela foi a escolha perfeita para ser a prefiguração de Cristo em Eusébio (2005, p. 18).

Todos os trabalhos apresentados, mantendo suas particularidades, concordam em um ponto: a HE apresenta visões sobre as perseguições, mártires e martírios. Contudo, tais materiais também revelam que este tema ainda foi pouco explorado.<sup>6</sup> Os dois primeiros articulam as visões sobre as perseguições com as concepções políticas de Eusébio, sem se deterem, de forma específica, nos martírios. Este é o recorte do último artigo, que analisa uma única passagem da HE. Ou seja, tais temas precisam ser

discutidos a partir de diferentes campos do conhecimento e perspectivas teóricas, com abordagens e recortes diversos.

Não foi preservado nenhum escrito sistematizado sobre a vida de Eusébio, ainda que Acácio, seu discípulo, o tenha elaborado. Desta forma, contamos com referências esparsas nos textos de Jerônimo; nas cartas de Alexandre de Alexandria; nas obras de Atanásio, Eusébio de Emesa e Eusébio de Nicomédia; nas atas dos concílios e sínodos dos quais participou; nas obras de seus continuadores no campo da historiografia eclesiástica - Sócrates, Teodoreto, Filostorgo e Gelásio de Cécico, e nos próprios escritos eusebianos para elaborar sua biografia.<sup>7</sup>

Eusébio nasceu por volta de 260.<sup>8</sup> Sobre a sua família ou local de nascimento nada se sabe. É provável que o escritor fosse de origem grega ou muito helenizada. Pode-se afirmar, com certeza, que foi em Cesaréia, cidade portuária da Palestina, que passou grande parte de sua vida. No século III, esta era uma das maiores cidades do Império, com cerca de 100.000 habitantes. Cosmopolita, ponto de confluência entre o Ocidente e o Oriente, importante centro comercial, administrativo e cultural, era, sem dúvida, um local para onde afluíam homens e idéias. Vivendo ali, Eusébio manteve contato com o poder imperial, conheceu outras tradições religiosas e, certamente, recebeu notícias e influências de diversas regiões do mundo conhecido de então.

Não há evidência documental direta que indique se Eusébio era proveniente de uma família pagã ou cristã. Ainda que não possamos apontar o momento em que ele se converteu, ao abraçar o cristianismo e integrar-se à comunidade cristã de Cesaréia, passou a ser membro de um dos mais antigos e importantes núcleos cristãos do Império Romano, partilhando de sua história e tradições.

Segundo os *Atos dos Apóstolos*, foi Filipe quem evangelizou esta cidade (At. 8, 40) e ali, pela primeira vez, foram recebidos gentios no seio da comunidade cristã (At. 10, 44). Após a destruição de Jerusalém em 70 e a Diáspora de 135, a comunidade de Cesaréia passou a ter uma importância maior no contexto do cristianismo palestinese, ainda que predominantemente gentia.

A HE apresenta notícias sobre esta comunidade nos séculos II e III, dentre elas destacamos a fundação de uma escola e de uma biblioteca em 232 (HE VI 23, 4; 30; 32, 3; 39, 2). Foi nesta escola que Eusébio obteve sua formação intelectual, como discípulo de Panfílio, o sucessor de Orígenes, o fundador deste centro de saber.

As obras eusebianas, elaboradas junto à Escola de Cesaréia, revelam conhecimentos em diversas áreas, como Sagradas Escrituras, História, Literatura, Filosofia, Geografia, Cronologia, Exegese, Filologia e Paleografia. Os alvos de seus livros foram os novos crentes, que procurou instruir; os judeus, que refutou; os pagãos, aos quais apresentou a fé cristã como a verdadeira religião, e alguns teólogos contemporâneos, com os quais polemizou.

Ao elaborar suas obras, utilizou uma grande quantidade de documentos, muitos dos quais provenientes da biblioteca cristã de Cesaréia, citando-os e comentando-os. Os textos eusebianos, portanto, resultam de um árduo trabalho intelectual, que implicou na leitura e pesquisa em centenas de obras de temáticas e gêneros diferentes.

A “Grande Perseguição”, assim denominada devido ao seu longo tempo de duração, cerca de dez anos, foi iniciada com o edito datado de 303. Nele decretava-se que os templos cristãos deveriam ser destruídos; as escrituras queimadas, e os cristãos *honestiores* deveriam ser privados do direito a recorrer ao juízo, ficando sujeitos a qualquer ação opressora do Estado. O segundo e o terceiro editos impunham ao clero o

sacrifício aos deuses e o quarto, aos cristãos de todas as cidades, permitindo a aplicação da pena de morte.

Esta perseguição abalou diretamente a comunidade cristã de Cesaréia. Durante a perseguição, por volta de 309, Panfílio foi preso e executado.<sup>9</sup> Neste contexto, Eusébio refugiou-se em Tiro, indo depois para o deserto egípcio de Tebaida. Ali foi testemunha ocular de diversos mártires e preso, sendo solto em 313, ano em que retornou à Cesaréia.<sup>10</sup> Ainda neste ano, com a morte do bispo Agápio, Eusébio foi eleito seu sucessor. Neste período o Edito de Milão já fora assinado e o cristianismo tornara-se uma *religio licita*. Foi em tal momento que a HE teria sido redigida em sua primeira edição, a partir de um esquema previamente elaborado. Esta edição foi logo seguida por outra, para incorporar informações sobre os atos oficiais promovidos a favor dos cristãos por Constantino e Licínio (TABBERNEE, 1997, p. 326 e 330).

Como intelectual e, principalmente, bispo, Eusébio de Cesaréia foi um personagem importante nas controvérsias teológicas do início do quarto século, em especial no tocante ao arianismo, mesmo após a sua condenação como heresia no Concílio de Nicéia. Eusébio defendeu Ário e seus seguidores, participando de sínodos e concílios e procurando favorecer aos arianos frente aos seus oponentes. Por que Eusébio participou tão ativamente desta controvérsia?

Velasco Delgado defende que Eusébio apoiou os arianos mais por motivos políticos do que por convicção teológica, a fim de fazer frente à Sé de Alexandria (1973, p.24). Luis Aznar acrescenta que Eusébio se opôs à diocese alexandrina, pois esta defendia a autonomia da Igreja frente ao Estado, enquanto o bispo de Cesaréia acreditava em uma Igreja aliada ao Império e ao imperador (1960, p. 12).<sup>11</sup> Partilhamos destas hipóteses, porém gostaríamos de traçar algumas considerações adicionais.

Teologicamente, Eusébio e Ário divergiam em questões básicas. Enquanto o arianismo ensinava que o *Logos* fora criado do nada, havendo, portanto, um período em que não existira, de uma substância inferior a do Pai e com vontade livre, o bispo reconhecia a divindade de Cristo. Para ele, Cristo era co-autor, criador de todas as coisas à imagem do Deus Pai. Logo, não apoiou Ário por convicções teológicas. A pergunta, então, permanece: o que motivou Eusébio a auxiliar este presbítero?

Acreditamos que Eusébio participou ativamente da controvérsia ariana visando um equilíbrio de forças e influências no seio do próprio cristianismo, evitando, assim, que um dos bispados orientais se colocasse à frente dos demais, como cabeça de toda a organização eclesial.<sup>12</sup> Esta conclusão baseia-se, principalmente, nos desdobramentos de tal controvérsia após o concílio de Nicéia.

Como já mencionamos, o Bispado de Cesaréia era, desde o século II, devido à destruição da comunidade de Jerusalém, à proeminência política, econômica e cultural da cidade e à antigüidade de sua comunidade cristã, o centro cristão mais importante da Palestina. Este episcopado possuía, no Oriente, dois bispados rivais: o de Alexandria e o de Antioquia, também destacados por sua antigüidade, relação direta com os apóstolos e produção teológica, pois também abrigavam escolas. Assim, não foi mera coincidência que tais bispados tenham sido, através dos seus líderes, que foram depostos e exilados,<sup>13</sup> os mais duramente atacados pelos arianos e seus partidários.

Eusébio recusou-se, quando convidado pelo imperador, a assumir o bispado de Antioquia após a deposição de Eustáquio, porém, sugeriu o nome de um de seus partidários. Tal fato reforça a idéia de que a intenção do bispo de Cesaréia, ao intervir na controvérsia ariana, visava, antes de tudo, a um equilíbrio de forças e a uma unidade de interesses entre os principais centros cristãos orientais e não favorecer diretamente a

Ário. Foi em meio a estas disputas que a HE recebeu sua terceira edição.

Paralelamente a essas discussões teológicas, devido à política imperial romana favorável ao cristianismo, a liderança cristã ganhava cada vez mais espaço junto à corte. Neste sentido, em 335, Eusébio foi convidado a participar, como orador, nas cerimônias de dedicação da Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, como parte das celebrações do trigésimo aniversário da ascensão de Constantino à liderança e governo do Império. Tal discurso é considerado, por alguns estudiosos, como evidência fundamental de que o bispo de Cesaréia fora um adulator deste imperador.

Eusébio e Constantino se conheciam e mantiveram alguns contatos, porém nosso historiador nunca participou da vida da Corte. Era bispo de uma cidade cosmopolita e um intelectual. Portanto, era normal, em um momento de política favorável à Igreja Cristã por parte do Estado, que fosse convidado para cerimônias convocadas pelo imperador.

Quanto ao discurso por ocasião do trigésimo aniversário do governo de Constantino, este não representa, necessariamente, a postura de um adulator, mas sim de um homem que vivenciou três distintos momentos da história do cristianismo: as chamadas “Pequena Paz da Igreja”, de 260 a 303, a “Grande Perseguição”, de 303 a 313, e o posterior reconhecimento legal do cristianismo e a política constantiniana favorável à Igreja. Estes acontecimentos foram interpretados como cumprimentos de profecias divinas. Assim, mais do que idealizar o imperador, Eusébio elaborou uma teologia em que procurou apreender e explicar a nova realidade política instaurada no Império. O fato de ter se posicionado a favor do imperador cristão e, conseqüentemente, do Estado e da ordem estabelecida, não o transformou, necessariamente, em um bajulador, mas sim em um porta-voz do ideal da Igreja Triunfante; um intelectual que, com suas idéias, legitimou o novo *status* da *Ecclesia*.

Segundo Eusébio, o Império Romano, com suas conquistas e obra de romanização, construiu uma unidade política e cultural, já que trouxera a civilização a muitos povos, abrangendo grande parte dos antigos impérios poderosos. Tal unidade aperfeiçoou-se com o reconhecimento da legalidade do culto cristão por Constantino. O Império tornara-se, então, na concepção do bispo, uma entidade político-religiosa sob a direção de um único líder escolhido de Deus, cuja missão era levar a fé cristã aos povos pagãos.

Mais do que reconstrutor e libertador do Império Romano das garras da tirania, Constantino foi, na visão de Eusébio, benfeitor e líder da Igreja Cristã, condutor da cristandade que se formava e uma espécie de sacerdote, que ocupava o lugar de intermediário entre os seus súditos e o próprio Deus. Neste sentido, o imperador era considerado como o lugar-tenente de Deus na terra. Deus, o grande Soberano sobre todas as coisas, delegara-lhe seu poder. Cabia, pois, ao líder máximo do Império, utilizando o poder que lhe fora conferido pela Divindade, manter o equilíbrio entre os homens, ser responsável pela salvação dos pagãos e elaborar leis.

Tais idéias são fruto de uma reflexão sistematizada e coerente, estruturadas sob paradigmas filosóficos estoicos, bem como influenciadas pelo pensamento de Orígenes. Para Eusébio, Deus quer comunicar o seu próprio Bem à criação, mas como é Deus-inacessível, só pode pôr-se em contato com o exterior através de seu *Logos*, sua palavra. Deus faz-se presente pelo *Logos* encarnado em Cristo, mas também em seus escolhidos, como Constantino. Assim, no pensamento político eusebiano, o Império cristão não se tornara somente uma instituição cristã, era o próprio reflexo do Reino Celeste.

O nome de Eusébio não figura mais na documentação após 337, provavelmente

porque já se encontrava muito enfermo. O *Martirologio Sírio* data a sua morte em 30 de junho de 339. O bispo faleceu, portanto, com cerca de 80 anos, após uma vida ativa tanto no campo intelectual, como quanto líder cristão. Com sua vida e obras, marcou a sociedade de seu tempo, através de sua ação junto à Igreja Cristã, lançando as bases das concepções cesaropapistas de poder, e, o que nos interessa especialmente neste artigo, como um dos principais marcos na produção historiográfica e hagiográfica cristã.<sup>14</sup> Com Eusébio, a história ganha um importante espaço no meio intelectual cristão como uma forma de reflexão sobre a fé e sobre o papel do cristianismo na sociedade.

Como já assinalamos, dentre todas as obras elaboradas por Eusébio,<sup>15</sup> vamos nos deter na HE. Concordamos com Tabbernee (1997): a redação da HE está intimamente ligada às experiências vividas pelo bispo de Cesaréia. Planejada, escrita e revista em um período de 30 a 40 anos, a HE não é só uma narrativa encadeada de fatos selecionados pelo autor. Ela contém uma série de reflexões sobre diversos temas relacionados à vida eclesial, nem sempre uniformes e coerentes.

A HE relata a história do cristianismo desde o nascimento de Jesus até as primeiras três décadas do IV século, dividida em dez livros. Como assinalamos, os eventos narrados são frutos de uma seleção. Em HE I, 1-2 são listados os temas tratados: a liderança das Igrejas mais ilustres, os mestres e escritores cristãos, os hereges, os ataques dos pagãos aos cristãos, os martírios e os castigos ao povo judeu.

A obra está dividida em duas partes bem distintas. A primeira, que comporta os livros I ao VII, apresenta três grandes épocas: a de Cristo, a apostólica e a etapa posterior aos apóstolos, que se estende até os acontecimentos da geração do autor- chamada era pós-apostólica. Na segunda, que reúne os livros VIII ao X, são expostos os acontecimentos contemporâneos a Eusébio.

Vale destacar que a narração presente na HE é resultado de um plano pré-elaborado, que foi revisada ao sabor dos acontecimentos, mas mantendo como eixo central a preocupação em demonstrar que a Igreja do IV século era a legítima herdeira da mensagem de Cristo. Assim, o objetivo central da obra é sublinhar que Jesus, o ponto de união entre as antigas e novas profecias, o *Logos* divino encarnado, transmitiu aos apóstolos a revelação e estes, à Igreja, que, guiada por Deus, conservou-a intacta, mesmo enfrentando perseguições e heresias, até a sua vitória final sobre o Estado pagão. Neste sentido, o autor afirma:

Para tanto nós, depois de reunir o que achamos de aproveitável para nosso tema daquilo que estes autores mencionam aqui e ali, e colhendo, como de um prado espiritual, as frases oportunas dos velhos autores, tentaremos dar corpo a uma trama histórica e estaremos satisfeitos por poder preservar do esquecimento as sucessões, se não de todos os apóstolos de nosso Salvador, ao menos dos mais importantes nas Igrejas mais ilustres que ainda hoje são lembradas (HE I 1,4).

Pelos dados que o próprio autor nos fornece, podemos inferir que seu método se constituía na coleta, leitura, seleção e ordenação de fontes. Os trechos escolhidos eram transcritos, funcionando como material base. A estes, Eusébio ia acrescentando comentários e observações, construindo, assim, a sua narrativa, sempre centrada nos personagens que, segundo o seu juízo, por suas ações e produção teológica, foram importantes para a vida da Igreja.

Como erudito, Eusébio certamente conhecia as regras da historiografia clássica e da retórica. Entretanto, ao apresentar os fatos que selecionou, inovou e teve consciência disso. Desta maneira, no livro V, afirma que outros, ao elaborarem suas histórias, preocuparam-se com guerras, generais, soldados fiéis à pátria; sua narrativa, porém:

(...) compreende aquela conversa e conduta aceitáveis a Deus: as guerras e conflitos de caráter mais pacífico, cujo valor maior é estabelecer a paz da alma, também os que lutaram com valentia pela verdade, não pelo país, e que se empenharam pela piedade, não pelos amigos queridos. São esses os que nossa narrativa inscreverá em monumentos eternos. A firmeza dos defensores da verdadeira religião, a coragem deles ao sofrerem inúmeras provas, seus triunfos erigidos contra a ação demoníaca, e suas vitórias contra seus antagonistas invisíveis, e as coroas colocadas sobre todos eles, devem ser proclamados e perpetuados por uma lembrança eterna (HE V, Preâmbulo, 3-4).

Na obra histórica eusebiana, os protagonistas não são os generais ou cônsules, mas sim os mártires, os bispos, os mestres cristãos. Homens, segundo ele, guiados por Deus e que possuíam uma nova ética. O olhar, antes voltado para os poderosos,<sup>16</sup> voltou-se para os que, mesmo oprimidos, mantinham-se fiéis a sua fé.

É interessante perceber que Eusébio intitula a sua obra histórica como *eclesiástica*, e não *eclesia*. Parece-nos que, conforme I Coríntios 12, 12 a 27, para este autor, a *Eclesia* é uma realidade supra-histórica, é o corpo místico de Cristo. Entretanto, a começar por Jesus Cristo, que cumpriu uma missão terrena, os seus seguidores estão inseridos na História, elaborando doutrinas, organizando e lutando pelo cristianismo. Assim, ao intitular seu livro com o adjetivo *eclesiástica*, procurou sublinhar que seu foco não eram os cristãos em geral, mas os bispos, os mestres, os pregadores, os mártires, ou seja, os responsáveis por institucionalizar, registrar, estudar, testemunhar e manter a revelação de Cristo no decorrer da história humana.

Desta forma, mais do que uma mudança de objeto, encontramos na HE uma mudança de perspectiva, motivada pelos valores cristãos, ainda não hegemônicos na sociedade romana tardo-antiga. É devido a estas inovações que apontavam para um novo tipo de herói, pacífico, temente a Deus, persistente, etc., que é possível considerar Eusébio como um dos iniciadores do gênero hagiográfico cristão.

Mas Eusébio também é consciente de ter sido um escritor inovador mesmo no seio do cristianismo: "... como os primeiros dos que entraram no assunto, estamos nos aventurando em um tipo de caminho virgem, sem trilhas" (HE I, 1,3). Parece-nos que o bispo considerou-se original não só porque nenhum outro escritor eclesiástico havia se preocupado em elaborar este tipo de obra antes, reunindo "... utilíssimo para todos quantos se ocupem em adquirir uma sólida instrução histórica" (HE I 1, 5), mas, sobretudo, devido aos pressupostos que o nortearam em seu "caminho".

A narração da HE se fundamenta na compreensão de que a História era dirigida pela providência divina; possuía a salvação da humanidade como objetivo final; tinha como ponto central a encarnação de Cristo, e era universalista, linear e progressiva.

A circulação da HE, já no decorrer do IV século, foi, provavelmente, grande, pois logo foi traduzida para o siríaco, armênio e latim. Além disso, este livro tornou-se uma espécie de modelo de texto histórico, que foi seguido por diversos autores. No Ocidente medieval, foi um dos livros mais lidos e estudados, como é possível inferir pela quantidade de manuscritos preservados.

Neste sentido, pelo tratamento dispensado aos “novos heróis da fé”, defendemos que a HE foi, ao lado de outros fatores, um marco fundamental para o surgimento e desenvolvimento de dois fenômenos culturais inter-relacionados. Tais fenômenos, que se consolidaram e se expandiram nos séculos seguintes à redação da HE, estão presentes, até hoje, em nossa sociedade: o culto aos santos e a literatura hagiográfica.

Como assinalamos, os mártires são elementos de destaque na narrativa de Eusébio. Mártir é um termo de origem grega, proveniente do universo jurídico, que significava originariamente testemunha. Os cristãos é que deram um novo sentido ao termo, denominando como mártires os que preferiam morrer a renegar a fé em Cristo (SAULNIER, 1987, p. 52). O ideal da morte pela fé já estava presente no mundo judaico. É provável que a prática do martírio entre os cristãos tenha sido inspirada pela leitura da Septuaginta, nos quais há episódios de homens fiéis a Deus ameaçados e/ou levados à morte por sua fé.

Para Eusébio, os mártires são os cristãos mais perfeitos e completos, pois, com sua coragem, não se deixavam dobrar, mesmo sob graves torturas. Não negavam a fé, garantindo, portanto, a salvação eterna e demonstrando, com seu sacrifício, o valor e a verdade do cristianismo. Desta forma, o autor descreve diversos martírios, ressaltando detalhes, muitas vezes macabros, com o objetivo, sobretudo, de demonstrar que todo aquele sofrimento não foi em vão; ao fim, a Igreja alcançara a vitória. Os que se cansavam eram os carrascos: “... sucumbidos à fadiga de tal excesso de males, cansados de matar e fartos e aborrecidos de tanto derramamento de sangue ...” (HE VIII 12, 8).

Na HE não é omitida a informação de que alguns cristãos renegaram a fé ao serem torturados. Afinal, esta era uma atitude esperada, só que em maior proporção do que ocorria. Assim, na HE, o que era surpreendente era a fidelidade e persistência dos mártires. Eles representavam, portanto, não uma derrota, mas uma vitória, pois quem se deixaria matar por uma mentira? Os martírios apresentados na HE são, portanto, um argumento apologético.

Na perspectiva da HE, o martírio é fruto de uma eleição divina, não uma capitulação frente ao inimigo. Desta maneira, não deveria ser buscado. Não obstante tais exortações por parte das lideranças cristãs, a prática do martírio foi se tornando, para alguns núcleos cristãos, uma meta, a ponto de muitos se entregarem à morte voluntariamente. Neste sentido, os grupos que incentivaram a entrega espontânea à morte foram criticados e/ou condenados como heréticos. Eusébio atesta alguns destes casos, como o de Quinto, que “... lançou-se ante o tribunal de forma demasiado precipitada e sem a devida cautela ...” (HE IV 15, 8). O resultado? “... sentiu enfraquecer-se a alma presa do medo e terminou por abandonar a salvação” (HE IV 15, 7). Esta atitude de Quinto redundou em exortação: “... não é lícito arriscar-se em tais empresas temerária e incautamente” (HE IV 15, 8).

A HE enriquece o relato de vários martírios destacando seus aspectos maravilhosos: as feras negam-se a atacar os cristãos (HE VIII 7, 1); Jesus Cristo luta ao lado dos mártires (VIII 7, 2), e o Espírito Santo se manifesta no momento da morte do cristão, como no Evangelho, em forma de pomba (HE IV 15, 17).

Ao lado deste caráter maravilhoso relacionado aos martírios, a HE auxiliou na difusão da idéia de que os próprios mártires, após a sua morte, passavam a realizar atos milagrosos, aparecendo em sonhos, dando consolo, exortando, pregando a própria mensagem do evangelho ou, ainda, tornando-se intercessores diretos dos homens perante Deus. Neste sentido, na HE VI 5, 6, lemos: "Potamena, de fato, durante os três

dias após seu martírio, postara-se diante dele à noite, colocara uma coroa em sua cabeça e dissera ter suplicado ao Senhor em seu favor, tendo obtido resposta à sua oração, e que em breve ela o levaria para junto de si".

Como o mártir é, na HE, o modelo ideal de cristão, pela sua fé e pureza torna-se um intercessor, um intermediário entre Deus e os homens. No período das perseguições, como as fontes preservadas registram, foi se constituindo o costume de visitar os que estavam próximos ao martírio para suplicar sua intercessão junto ao Senhor. Ou seja, uma crescente autoridade espiritual foi delegada aos mártires e, principalmente, aos que sobreviveram aos martírios, os chamados confessores. A HE reforça estas crenças: "... os magníficos mártires de Cristo brilharam por toda a terra habitada e, como era natural, por todas as partes enchiam de assombro as testemunhas oculares de seu valor" (HE VIII 12).

O crescimento da veneração aos mártires pode ser constatado não só pela redação de textos consagrados à sua memória, dentre os quais se sobressaem os próprios textos eusebianos, mas também por materiais de caráter litúrgico e/ou ritual, que foram preservados em papiros, cerâmicas ou pedras.<sup>17</sup> Dentre estes textos, destacamos a prece de uma mulher não identificada, recolhida por Hamman, que invoca a ajuda e proteção de diversos mártires: "... com a ajuda de teus mártires Sabácio, Propício e Quiríaco, guarda tua serva, ó Deus de bondade. Liberta-a de todas as enfermidades de sua alma. Sim, a salvação está no nome do Senhor, o Deus vivo. (...) São Focas, São Mercúrio, protegei vossa serva! (1985, p. 83).

Outro dado de interesse é o fato da HE também informar, ainda que sem muito destaque, que houve, entre os mártires, elementos provenientes de grupos considerados heréticos. No âmbito da HE, ao lado dos perseguidores, os heréticos eram os maiores inimigos da Igreja, os que comprometiam a sucessão da revelação divina.

Um desses episódios é narrado na HE VII 12, no qual "(...) uma mulher sustentou o mesmo combate; mas uma tradição afirma que esta era da heresia de Márcion". Apesar de apoiar-se em uma documentação escrita, pois no texto grego aparece a palavra *logos*, para apresentar esta notícia, Eusébio não dá muita ênfase a este fato, apenas mencionando-o, já que a vítima era uma herege e, portanto, encontrava-se à margem da Igreja detentora da ortodoxia,<sup>18</sup> a única, segundo o autor, a manter a verdadeira tradição cristã. Logo, o fato do autor não realçar tais martírios é coerente com a sua própria tese central.

Este tratamento dado aos mártires saídos das fileiras da heresia, também presente em HE V 16, 20-21 e VI, 15, 46, parece contraditório frente à todo apoio dado por Eusébio aos arianos, já destacado. Contudo, torna-se mais um argumento para sustentar a hipótese de que o interesse do bispo e, por extensão, da comunidade de Cesaréia, ao acolher adeptos do arianismo, era de índole política, não teológica. Como líder cristão, Eusébio partilhava do discurso da hierarquia hegemônica, que condenava os desvios em matéria de costumes ou de fé.

Nos relatos de martírios da HE também estão presentes as diretivas de gênero. Assim, na descrição de diversos martírios femininos, o autor sempre destaca a fragilidade das mulheres, sublinhando que por estas resistirem aos sofrimentos até o fim, elas surpreendiam a todos, já que agiam como os homens.

Um caso exemplar é o de Blandina, "diminuta, fraca e desprezada" (HE V 1, 42). A obra chega a criticar as autoridades, que "nem levaram em consideração o sexo da mulher" (HE V 1, 53). Por suportar com firmeza a todos os sofrimentos que lhe foram impostos, causou estranheza a muitos, em especial aos pagãos, pois "... nenhuma mulher

entre eles jamais suportara sofrimentos em tamanha quantidade e intensidade..." (HE V 1, 56).

No artigo já citado, no qual o relato sobre Blandina presente na HE é analisado, Goodine e Mitchell defendem que "for Eusebius, it is apparente that physical sex is far less important than virtue" (2005, p. 17). Discordamos de tal interpretação. Na HE enfatiza-se demais a fraqueza feminina e quando as mulheres vencem nas torturas são tratadas como grandes exceções, tal como Blandina.

Sem dúvida, a virtude é um elemento chave na HE. Contudo, é a virtude proveniente da pureza e da castidade que, na HE, é o atributo por excelência das mártires do sexo feminino. Neste sentido, especialmente ao apresentar relatos sobre a "Grande Perseguição", o autor informa que várias mulheres "... rendiam a vida em vez de se submeter à violação do corpo" (HE VIII 14, 16). Ou seja, a virtude não é vista por Eusébio como anuladora do sexo. Ao contrário, é sua compensação. A manutenção da virtude sexual é o que equiparava as mulheres aos homens, pois só "umas suportavam os mesmos combates que os homens e levaram os mesmos prêmios por sua virtude; outras, arrastadas para serem desonradas, preferiam entregar sua alma à morte antes que o corpo à desonra" (HE VIII 14, 14).

O corpo, no qual eram sofridos os tormentos, tornava-se, sobretudo para as mulheres, consideradas as mais fracas, o local da crítica ao poder dos perseguidores. Assim, o corpo feminino, na HE, é um elemento chave, pois deveria resistir duplamente: para não perder a pureza, através de uma relação sexual considerada inaceitável, nem a salvação, ao sucumbir à apostasia.

Se por todos os elementos acima elencados é possível afirmar que Eusébio de Cesaréia foi um dos iniciadores da hagiografia cristã, é no tratamento dado a Orígenes que o autor vai além. Ao retratar este personagem, diferentemente das atas e paixões de mártires que já circulavam desde o século II, muitas das quais são incorporadas na HE, Eusébio não se limitou a narrar a sua morte, mas tratou de toda a sua biografia, que domina o livro VI.

Orígenes é o herói da fé na HE não só porque morreu em consequência de torturas sofridas, mas porque também era um conhecedor zeloso da palavra divina; incansável defensor da fé ortodoxa e das regras eclesiásticas; dedicado professor das escrituras, e contestador das heresias. Segundo a HE, ele foi o mais importante e ilustre representante da verdadeira doutrina do seu tempo e um paradigma de homem cristão. Assim, Eusébio narra a trajetória de Orígenes, desde seu nascimento, ocorrido em Alexandria, em um lar cristão, por volta de 185: "sobre Orígenes, mesmo os fatos de quando usava fraldas, por assim dizer, parecem-me dignos de menção" (HE VI 2, 1). Destaca que após o martírio de seu pai, Leônidas, sob a perseguição de Severo (HE VI 1), já que "a fazenda paterna foi confiscada pelo tesouro imperial" (HE VI 2, 13), por ser o filho mais velho, começou a lecionar na escola catequética de Alexandria, sob a supervisão de Demétrio (HE VI 3), a fim de sustentar sua família. O autor destaca que "desde aquela idade dava provas claras de sua ortodoxia da fé" (HE VI 2, 14).

Durante a perseguição de Áquila, governador de Alexandria, vários alunos da escola catequética foram martirizados, mas ele não foi atingido. Eusébio tem a preocupação de destacar que Orígenes não se intimidara perante as agressões dos perseguidores e esteve sempre ao lado dos mártires, dando-lhes apoio. Por muitas vezes, fora quase apedrejado pela população, mas "... com a ajuda da destra divina, escapou milagrosamente" (HE VI 3, 4). O bispo ainda ressalta que muitos intentaram conspirar

contra Orígenes devido ao seu excesso de zelo e ousadia a favor da doutrina de Cristo. Mas ele foi salvo da morte, cumprindo-se, assim, a Palavra de Deus (HE VI 3, 5).

Diversos atos de Orígenes são destacados: sua renúncia ao estudo da gramática, seus jejuns, a mortificação do corpo pela privação do sono, calçado e abstinências alimentares (HE VI 3, 8-12). Os episódios controversos também não foram ignorados. Referimo-nos à sua auto-castração, julgada como fruto de “um ânimo imaturo e juvenil”, ao mesmo tempo em que “prova plena de fé e continência” (HE VI 8, 1), e aos conflitos com Demétrio, bispo de Alexandria, que o levaram a mudar-se para Cesaréia, onde, como já assinalamos, fundou uma escola (HE VI 8, 4-5; e 19). A HE também menciona a ordenação de Orígenes como presbítero pelos bispos de Cesaréia e Jerusalém (HE VI 8, 4, 23,4).

A obra também informa sobre “a investigação que Orígenes fazia das palavras divinas”, destacando que, para tanto, ele aprendeu hebraico e adquiriu várias versões das sagradas escrituras (HE VI 15; 16; 25); sobre os embates com os hereges e seus ensinamentos (HE VI 18, e 19), sobre seus discípulos (HE VI 30), e sobre obras que escreveu (HE VI 24; 25; 28,1; 32; 36), dando realce ao seu epistolário, que incluía “uma carta ao próprio imperador Felipe, e outra a sua mulher Severa”.

Eusébio finaliza seu relato sobre Orígenes tratando dos tormentos a que foi submetido durante a perseguição em tempos do imperador Décio: “(...) correntes e torturas, os suplícios físicos, os suplícios pelo ferro e os suplícios na escuridão do cárcere; e como tendo seus pés durante muitos dias estendidos no cepo até o quarto furo e depois de ser ameaçado com o fogo, suportou ainda com integridade muitos outros tormentos (...)” (HE VI 39, 5). Este é, sem dúvida, o ponto culminante da hagiografia sobre Orígenes presente na HE. A obra sublinha que tais torturas foram instigadas pelo demônio, cujo objetivo era levá-lo a renegar a fé. A HE chega a ressaltar que “... o malvado demônio havia posto contra ele todo seu exército e lutava contra ele com todos seus meios, e todo seu poder, e se abatia sobre ele de modo distinto do que sobre os demais a quem fazia então a guerra” (HE VI 39, 5). Ou seja, por ter sido o cristão mais dedicado, Orígenes fora, portanto, o maior alvo do demônio, mas não cometeu apostasia.

A obra ainda destaca que “o juiz se esforçava com todas as forças para que não lhe tirassem a vida”, prolongando ainda mais seu sofrimento (HE VI 39, 5). Esta informação pode ter sido incluída para justificar porque, apesar de tantas torturas, Orígenes não chegou a falecer, o que só ocorreu anos depois.

Ainda que não elabore um texto contínuo e seguindo a cronologia dos fatos, nem trate exclusivamente de Orígenes no livro VI, já que intercala notícias sobre muitos outros, é possível afirmar que Eusébio escreveu uma *Vida de Orígenes*. Nela, a santidade de Orígenes é sublinhada através de diversos aspectos, como sua vida austera, sua dedicação aos catecúmenos, sua aplicação ao estudo das sagradas escrituras, sua firmeza na fé, mesmo sob torturas, etc. Encontramos, neste relato, uma série de elementos que, posteriormente, tornaram-se comuns nas vidas de santos elaboradas no medievo, tanto no Ocidente como no Oriente.

Os mártires são, na HE, personagens de destaque tanto quanto os escritores eclesiásticos e os líderes das igrejas, já que simbolizavam a resistência e persistência cristãs face aos ataques judaicos e pagãos e eram uma evidência de que o cristianismo era a religião verdadeira. Eles são apresentados dentro da lógica da vitória pela resistência, da força do mais fraco.

Mesmo sem estimular, de forma explícita, o culto aos mártires, a obra incorpora elementos fantásticos que acabam por reforçar a autoridade de tais cristãos como intercessores junto a Deus. Este dado permite inferir o quanto, já no século IV, a veneração aos cristãos exemplares estava incorporada ao cristianismo, manifestando-se, inclusive, entre a liderança cristã.

O relato também aponta que mesmo em relação aos mártires, cristãos considerados perfeitos por excelência, já que venceram as torturas por fidelidade à sua fé, foram instituídas hierarquias. Aqui destacamos duas: uma referente à ortodoxia e outra no tocante ao gênero. Neste sentido, a HE reafirma a fraqueza das mulheres e realça a pureza sexual como a maior virtude feminina, bem como critica aos adeptos de heresias que, apesar de também terem sofrido torturas, chegando inclusive à morte, por seus costumes e/ou opção teológica, não recebem as mesmas glórias dedicadas aos considerados ortodoxos.

Se, por um lado, Eusébio reuniu, preservou e consagrou diversas atas e paixões de mártires, por outro, ampliou as possibilidades da literatura hagiográfica. Pois, em meio a tantos, um foi alçado a paradigma de bom cristão na HE, Orígenes, porque reunia todos os tipos de herói eleitos pela HE: os líderes, os escritores, os mártires. Justamente porque considerou que a sua vida santificada foi muito além de sua resistência às torturas, o bispo acabou por compor um relato mais completo de sua trajetória, lançando, assim, os fundamentos literários das vidas de santo, outra modalidade de texto hagiográfico.

### **Documentação**

EUSEBIUS. **Histoire Ecclesiastique**. Introduction et Translated par Gustave Bardy et Périchon. Paris: Lés éditions du CERF, 1960.

\_\_\_\_\_. **Historia Eclesiástica**. Tradução Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 1999.

\_\_\_\_\_. **Historia Eclesiástica**. Introd. trad. y notas Argimiro Velasco Delgado. Madrid: BAC, 1973.

\_\_\_\_\_. **The Ecclesiastical History**. Introduction by Kirsopp Lake, translated by J. E. L. Oulton and H. J. Lawlor. Cambridge: Harvard University Press, 1942. 2 v.

HAMMAN, A. G. (Ed.). **Orações dos Primeiros Cristãos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

### **Bibliografia**

BACCHUS, F. J. Eusebius of Cæsarea. In: **The Catholic Encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company, 1909.

BARNES, T. D. **Constantinus and Eusebius**. London: Harvard University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. Some inconsistencies in Eusebius. **Journal of Theological Studies**, Oxford, n. 35, p. 470-475, 1984.

\_\_\_\_\_. The editions of Eusebius' Ecclesiastical history. **Greek, Roman and Byzantine Studies**, Durham, v. 21, p. 191-201, 1980.

BERMEJO, J. **Replanteamiento de la Historia; ensayos de Historia teórica**. Madrid: Akal, 1989.

CASTELLI, Elizabeth A. **Martyrdom and Memory: Early Christian Culture Making**. New York: Columbia University Press, 2004.

CAMPENHAUSEN, V. **Los Padres de la Iglesia: Padres Griegos**. Madrid: Cristiandad, 1974.

- COX, Patricia. **Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man**. Berkeley: University of California Press, 1983.
- FRAZÃO, Andréia Cristina Lopes. **Eusébio e a formulação de uma ideologia de apoio ao Estado Romano**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História - UFRJ, 1990.
- GOODINE, Elizabeth A., MITCHELL, Matthew W. The Persuasiveness of a Woman: The Mistranslation and Misinterpretation of Eusebius' *Historia Ecclesiastica* 5.1.41. **Journal of Early Christian Studies**, Baltimore, v.13, n. 1, p. 1–19, 2005.
- HEFFERNAN, T J. **Sacred biography: saints and their biographers in the Middle Ages**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- LAQUEUR, Richard. **Eusebius. Als Historiker seiner Zeit**. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1929.
- LOUTH, Andrew. The date of Eusebius' *Historia ecclesiastica*, **Journal of Theological Studies**, Oxford, n.41, p. 111-123, 1990.
- RYAN, James. Missionary saints of High Middle Ages. Martyrdom, Popular veneration and Canonization. **The Catholic Historical Review**, Washington, v. 90, n.1, p.1-28, 2004.
- SAULNIER, C. **A revolta dos Macabeus**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SORDI, M. **Los Cristianos y el Imperio Romano**. Madrid: Encuentro, 1988.
- TABBERNEE, William. Eusebius' "Theology of Persecution": As Seen in the Various Editions of his Church History, **Journal of Early Christian Studies**, Baltimore, v. 5, n. 3, p. 319–334, 1997.
- TOWNEY, V. **Apostolikos Thronos**. Aschendorf: Munster Westfalen, 1982.

---

<sup>1</sup> A partir deste ponto do texto iremos nos referir a esta obra pela sigla HE.

<sup>2</sup> Tais como o *Martírio de San Lourenço*, de autoria de Gonzalo de Berceo; a *Legenda Áurea*, de Jacobo de Vorágine; *Legendae sanctorum et festiuitatum aliarum*, de Gil de Zamora; *Passio Sancti Eulaliae*, de Renallo Gramático, para só citar algumas obras.

<sup>3</sup> Muitas reflexões se utilizaram dos relatos eusebianos para estudar um ou outro martírio particular ou em análises de conjunto, mas sem se preocuparem com a visão do autor sobre o que narra. (Cf. SORDI, 1988).

<sup>4</sup> Vários autores se dedicaram a estudar as diversas edições da HE, tais como Barnes, Louth, Laqueur, Towney.

<sup>5</sup> Vale destacar que a tradução em português, publicada pela Século Novo, que segue a em espanhol, editada pela BAC, traduz este texto como: “ela [Blandina] persuadia aos que crêem n’Ele ...”. Em nossas pesquisas, confrontamos diversas edições da HE. Contudo, ao transcrevê-la nesse artigo, optamos por utilizar a versão da Século Novo.

<sup>6</sup> Também vale destacar que nenhuma desses trabalhos cita obras específicas.

<sup>7</sup> As fontes antigas que apresentam notícias sobre Eusébio de Cesaréia e alguns de seus escritos encontram-se disponibilizados em: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.iii.html>. Consultado em 19 de setembro de 2008.

<sup>8</sup> A fixação desta data baseia-se em HE VII 26, 3. Nesta passagem, após narrar a perseguição aos cristãos sob Valeriano e de apresentar uma lista das obras de Dionísio, bispo de Alexandria, o autor afirma expressamente: “Tendo dado este relato, passemos agora a informar à posteridade a natureza e o caráter de nossa própria época”.

<sup>9</sup> Na introdução às obras de Eusébio de Cesaréia, Arthur Cushman McGiffert defende que, mesmo não existindo dados documentais, é possível supor que Eusébio tenha permanecido, ao menos por algum tempo, preso junto com Panfílio. Teria sido neste período que redigiram *Defesa de Orígenes* juntos. Cf. <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.iii.iii.i.html>. Consultado em 19 de setembro de 2008.

<sup>10</sup> Desconhece-se como escapou da morte ou mutilação. Tal fato levou seus inimigos, anos mais tarde, em meio a controvérsias teológicas, acusarem-no de apóstata. Neste sentido, é provável que Eusébio de Cesaréia, ao apontar como Orígenes milagrosamente escapou do martírio em diversas ocasiões, estivesse

---

buscando dar uma explicação para o seu próprio livramento: "mas essa mesma graça celestial, numa ocasião e noutra, vez após vez, e na realidade numa freqüência que ninguém conseguiria precisar, protegeu-o do perigo por causa de seu grande zelo pela doutrina de Cristo e sua intrepidez" (HE VI 3, 5).

<sup>11</sup> Há outras hipóteses que explicam esta questão. Optamos por apresentar só aquelas com as quais concordamos.

<sup>12</sup> O que efetivamente ocorreu no Ocidente, durante a Idade Média, quando o bispado de Roma reorganizou a Igreja sob sua liderança e direção.

<sup>13</sup> Eustáquio de Antioquia e Marcelo de Ancira foram depostos de seus bispados e Atanásio de Alexandria, exilado.

<sup>14</sup> É importante destacar, como assinala Thomas J. Heffernan, que a hagiografia foi considerada pelos medievais como textos como históricos, em parte influenciados pela própria HE de Eusébio. (HEFFERNAN, 1992, p. 66).

<sup>15</sup> Para uma listagem das obras de Eusébio ver <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.iii.iii.ii.html>. Consultado em 20 de setembro de 2008.

<sup>16</sup> Os governadores, senadores, soldados, magistrados e imperadores romanos, com exceção dos convertidos ao cristianismo ou simpatizantes, são, na obra eusebiana, anti-heróis.

<sup>17</sup> Hamman reuniu e editou alguns destes textos. Cf. HAMMAN, 1985.

<sup>18</sup> Como já assinalamos, usamos o termo ortodoxo, aqui, em oposição à heresia.